

O V COLOQUIO IBÉRICO DE GEOGRAFIA

(Léon, 1989)

Realizou-se em Léon, entre 21 e 24 de Novembro de 1989, o V Colóquio Ibérico de Geografia que foi, mais uma vez, ocasião para estreitar laços entre os geógrafos dos dois países e mostrar parte da investigação que vamos fazendo. Estavam inscritos e passaram pela Faculdade de Filosofia e Letras de Léon praticamente 300 pessoas, o que é significativo do interesse que estas iniciativas despertam na comunidade geográfica.

As comunicações agrupavam-se em 4 secções que apenas na 1.ª sessão de trabalhos e na última do dia 22 funcionaram em simultâneo.

Assim, a tarde do primeiro dia foi dedicada à História do Pensamento Geográfico, concretamente à evolução sofrida desde o último colóquio. Este tema foi tratado separadamente em termos de Geografia Humana e Geografia Física nas secções I e II, intituladas respectivamente «Teoria, método y historia del pensamiento en la Geografía Humana Ibérica» e «Desarrollo de la teoría y de los métodos en la Geografía Física Ibérica». Nesta última, para além das conferências introdutórias, tratou-se mais propriamente da substância da Geografia Física do que da evolução da disciplina.

ILÍDIO DO AMARAL e JOSÉ ESTEBANEZ presidiram à sessão do Tema I. Na sua palestra, o colega português debruçou-se principalmente sobre a evolução dos estudos geográficos portugueses em termos de estrutura dos *currícula*. Privilegiando a universidade, onde se vem assistindo a uma complexidade crescente, com a introdução de cadeiras relacionadas com o planeamento do território e a criação de uma licenciatura em Ensino da Geografia, não deixou também de mencionar a importância do momento que se vive em Portugal com o início da implementação de grande reforma no sistema educativo. Finalmente, referiu-se às teses de doutoramento e de mestrado, como exemplo dos rumos que a geografia está a tomar em Portugal.

J. ESTEBANEZ, com uma comunicação que alguns acharam pessimista, mas que me pareceu bastante estimulante para um debate que não chegou a haver, traçou um quadro da evolução do pensamento geográfico tal como ressalta dos livros publicados em Espanha sobre este assunto, desde os anos 40, sem descuidar origens e influências estrangeiras anteriores. Saliu a falta de reflexão e de debate sobre o que se produz e referiu também a reforma dos planos de estudos onde se nota uma quase obsessão em apresentar a Geografia como ciência prática, alertando para o facto de a Geografia não se poder identificar com o planeamento, pois neste intervêm várias disciplinas.

Seguiu-se a apresentação de 8 comunicações, nas quais se destacaram os colegas espanhóis, pois apenas uma sobre «Os compêndios de Geografia em Portugal na segunda metade do séc. XIX» foi apresentada por portugueses e uma outra sobre «A formação e a actividade profissional dos geógrafos em Lisboa, Barcelona e Copenhaga» era de autoria de um português e de um espanhol, inseridos num projecto Erasmus que liga aquelas três universidades. Como estes dois títulos já mostram, houve comunicações que focavam os aspectos da formação dos geógrafos, em paralelo com outros, que trouxeram alguma reflexão sobre perspectivas de abordagem dos estudos geográficos.

Na secção II coordenaram os trabalhos FERNANDO REBELO (Universidade de Coimbra) e CASILDO FERRERAS (Universidade Complutense de Madrid) e foram apresentadas apenas quatro comunicações de entre as 11 que estavam anunciadas. De ressaltar que todas estas eram subscritas por portugueses, o que se compreende, em face da redução drástica que se registou na investigação em Geografia Física no país vizinho, para além das importantes reuniões havidas no Verão, tanto em Espanha, como na Alemanha Federal, e com temas relacionados com a Geografia Física.

No dia 22 tratou-se especialmente de Geografia Política na 3.ª secção. Orientaram os trabalhos J. BOSQUE MAUREL (Universidade Complutense de Madrid) e PAULA LEMA (Universidade Nova de Lisboa). Esta referiu-se ao desenvolvimento dos estudos da Geografia Política Ibérica e aos temas mais cultivados desde os anos 50, salientando a menor importância desta temática como objecto individualizado na Geografia Portuguesa, à excepção dos aspectos eleitorais. Os temas mais aprofundados são, segundo esta autora, o da Geopolítica, ou seja o dos efeitos da posição na estratégia, tanto nacional como das grandes potências, a Geografia Eleitoral, a projecção ideológica na divisão e uso do território, e os regionalismos. BOSQUE MAUREL foi aos primórdios da Geografia Política que colocou em Ratzel em termos de disciplina académica, uma vez que a versão prática, digamos assim, esteve presente nos conflitos sobre a partilha dos territórios coloniais que atravessaram o séc. XIX. Portanto, a Geografia Política em Espanha terá começado a ser cultivada fora das universidades, como de resto uma geografia humana essencialmente descritiva, no impulso da qual desempenharam papel de relevo as Sociedades de Geografia. Apesar da renovação que estes estudos conheceram nos anos 40, mantiveram-se arredados do ensino universitário até muito recentemente, não obstante integrarem o currículo das escolas

militares. Actualmente, assiste-se a um crescente interesse por estes temas, manifestado tanto no aumento das traduções como na publicação de obras originais de autores espanhóis, que reflectem já uma multiplicidade de interesses.

Foram apresentadas 11 comunicações, cobrindo um leque variado de assuntos, que iam desde a política ambiental até à influência da Geopolítica alemã em Espanha, passando por estudos de fronteiras, algumas das quais propiciaram interessantes discussões.

A secção IV, «Las relaciones interterritoriales: los flujos socioeconómicos y sus repercusiones espaciales», começou na tarde do dia 22, tendo-se prolongado por todo o dia 23. A. CABO ALONSO, da Universidade de Salamanca, fez a introdução ao tema, privilegiando a análise dos fluxos interterritoriais e as relações entre os dois Estados ibéricos. Deu uma panorâmica da evolução das comunicações e do tipo de movimentos predominantes em cada época, nas suas repercussões espaciais. Também no âmbito das relações entre os dois países foram salientados o papel das comunicações, designadamente projectos antigos para a navegação no Tejo e no Douro, e as trocas que passaram por fases mais intensas e por períodos fracos.

Esta foi a secção na qual se apresentaram mais comunicações e segundo temas mais variados. Com a argúcia que lhe é habitual, J. GASPAS, que juntamente com CABO ALONSO presidiu aos trabalhos, conseguiu todavia encontrar pontos em comum que justificavam a apreciação conjunta desta série de comunicações. Com efeito, na última década houve importantes mudanças, tanto nas áreas centrais como nas áreas periféricas dos dois países, tendo cada um destes tipos atravessado um processo de crise e reestruturação, a que correspondem diferentes configurações espaciais. Os fluxos socio-económicos gerados entre estas áreas apresentam características diferentes e desempenham também papéis desiguais nos vários períodos, permitindo leituras variadas.

Assim, as comunicações apresentadas foram agrupadas segundo 4 blocos que cobriam os fluxos económicos e sociais, tanto relacionados com turismo e residências secundárias, como com movimentos demográficos (8 comunicações), relações e estudos comparativos entre os dois países (4 comunicações), a infra-estrutura do território e o sistema produtivo (13 comunicações). Rigorosamente, apenas os dois primeiros temas se integravam no âmbito da secção. Curiosamente, também aqui predominavam as comunicações de espanhóis, enquanto os portugueses privilegiaram os aspectos da mudança de estruturas produtivas, na sua relação com alterações nas infra-estruturas.

Das 25 comunicações, apenas 7 eram apresentadas por colegas espanhóis. Se umas, como a dos comboios de alta velocidade, provocaram discussão animada, o mesmo não se dirá de outras, cujo desfile contribuiu para fatigar a assistência.

Para além das sessões de trabalho, o Colóquio contou ainda com uma de abertura e outra de encerramento, nas quais dirigentes das Associações de Geógrafos Espanhola e Portuguesa acompanharam na mesa autoridades civis e académicas. Houve também duas excursões

que preencheram o último dia de trabalhos. Uma levou os participantes por uma parte muito interessante da província de Léon, o Bierzo, enquanto a outra propunha um enorme passeio a pé pelas montanhas de Léon.

Em simultâneo com a realização das sessões de trabalho no campus universitário e, estendendo-se mais no tempo, estava patente ao público no centro da cidade, na Praça de Santo Domingo, que é um verdadeiro interface do casco antigo com o «ensanche», uma exposição cartográfica intitulada «A Cartografia e o Território». Imagens de satélite, fotografias aéreas, maquetas, mapas temáticos e topográficos a várias escalas revelavam diferentes «imagens» do território, diferentes formas de o analisar. Se a fotografia aérea a cores da cidade de Léon interessava sempre grupos de curiosos entretidos na identificação de edifícios, na localização disto ou daquilo, a maqueta que reproduzia o sítio de Valladolid não deixava de impressionar muitos outros, tal como as imagens de satélite ou os exemplares expostos de cartografia antiga e pertencentes ao departamento de Geografia da Universidade de Salamanca.

Nos dias em que estivemos em Léon pudemos constatar a numerosa afluência de visitantes a esta exposição que, revelando um importante espírito de abertura à comunidade, contribuía muito eficazmente para a divulgação pública da Geografia através dos seus instrumentos privilegiados de trabalho.

Fazer um balanço de uma iniciativa como esta nunca é fácil, pois será sempre avaliada face aos objectivos e expectativas de cada um. Do meu ponto de vista, os Colóquios servem fundamentalmente para aprofundar o conhecimento entre os geógrafos, reforçando os laços pessoais e mostrando mutuamente o que cada um está a fazer, para além de permitirem a apresentação de diferentes regiões deste território tão variado que ocupamos. Se temos informação sobre o que fazem os grandes nomes da Geografia ibérica, porque publicam trabalhos em revistas de maior circulação, é para os mais novos, cujos trabalhos têm menos difusão, que os congressos são mais importantes, permitindo-lhes muitas vezes revelar-se.

Este Colóquio reforçou em nós a ideia, que outros contributos de outras origens já vinham apontando, de que a geografia está a atravessar um momento de enorme produtividade e interesse. Aumentou extremamente o número de investigadores em geografia e alargaram-se muito os âmbitos de pesquisa. Depois de passada a fase da verificação regional ou local de teorias ou métodos inventados por outros, creio que estamos perante um período de grande criatividade. A inovação parece vir mais dos temas de estudo que, por sua vez, têm implicações metodológicas, do que da reflexão teórica ou mesmo metodológica, o que aliás se compreende atendendo à juventude da maior parte dos participantes. Depois das querelas que acompanharam a revolução quantitativa e a sua contestação, entramos numa fase pacífica através da actual pluralidade temática, com grande enfoque nos estudos locais, e que assusta alguns mais preocupados com a unidade na disciplina. Mas nós somos dos que acreditam que esta erupção de linhas de pesquisa conduzirá a

um novo debate teórico e epistemológico, contribuindo para o fortalecimento e eventual recentrar da nossa disciplina.

Finalmente, uma palavra de apreço à organização do Colóquio que foi impecável, pelo que é justo deixar registados pelo menos os nomes dos dois colegas que encabeçavam o grupo responsável, JOAQUIN GONZALEZ VECIN e JOSÉ CORTIZO ALVAREZ, grupo do qual faziam parte muitos outros colegas do departamento de Geografia de Léon, ajudados ainda pelos finalistas do curso de Geografia. Deve salientar-se a distribuição a todos os participantes dos Resumos das Comunicações e de uma documentação rica e variada sobre a cidade de Léon e a sua província.

Uma vez que todos reconhecem que é indispensável não interromper a realização destes encontros, na sessão de encerramento ficou marcado o VI Colóquio Ibérico para 1992, na cidade do Porto.

TERESA BARATA SALGUEIRO